

# Contabilidade de Vazios

Em novos poemas, Alcides Buss revela a sua morada

**Miguel Sanches Neto**

Por seu engajamento social que derivou para uma defesa da poesia compartilhada com auditórios mais amplos, Alcides Buss (1948) se obrigou, nas últimas três décadas, a praticar todas as formas poéticas, no afã de localizar faixas de sintonia com um público maior. Com *Cadernos da noite* (Florianópolis: M.A.L. edições, 2003), o livro continua procurando o leitor, mas o autor já não se procura mais, ele agora pratica sua linguagem e sua temática num conjunto de poemas que, sem forçar a individualidade estilística, são pessoais pela essência da percepção dos dramas humanos, flagrados dialeticamente.

Para entender a importância deste livro na evolução de sua poesia, é preciso reler o itinerário lírico que ele traçou em *Contemplação do amor* (Florianópolis: Editora da UFSC, 2002), espécie híbrida de álbum de memórias editoriais e antologia. Estreando em um período político de nossa vida literária, recém-entrado na casa dos 20 anos, Alcides Buss ritualiza em *Círculo quadrado* (Joinville, 1970) um conflito entre a tradição lírica e a coloquialidade verbal, encontrando-se nesta última corrente os textos mais interessantes do volume, como “Poema do eterno”, em que um trocadilho sutil dá o humor próprio do amor: “Em minha vida / há um espaço reservado / para você; / este espaço / é toda a minha vida!” (p.35). Esta leveza de linguagem, comandada por uma urgência existencial, vai tornar-se o centro de seu segundo livro, *O bolso ou vida?* (Florianópolis, 1971), em que as formas fixas não ocupam mais espaço. É neste volume homogêneo que aparece um dos textos antológicos da geração jovem dos anos 70 – “Extensão, II”:

*Pus a vida  
em minhas mãos  
e as mãos  
no fogo...*

*- A vida ferveu. (p.61)*

Se esta fervura-fervor era política, caminho do qual não podiam se desviar os jovens, ela se manifestava de forma mais profunda ao colocar o poeta em contato com o fogo das coisas vivas, que queimam mas que também aquecem. Vence aqui a imagem solidária do poeta, um poeta que renuncia, em alguns momentos, ao verbo para empunhar a bandeira dos poemas visuais, todos função crítica. Ele faz assim a ponte entre o concretismo participativo e sua geração, criando vínculos com a vanguarda mais imediata.

O aprofundamento deste interesse vanguardístico o leva a uma linguagem mais brasileira, pois ele descobre, como poeta, a força imagética de *Cobra Norato. Ahsim*

Florianópolis, 1976) deve ser lido como tributo ao poeta gaúcho que brincou com a capital catarinense e seus vícios de fala, no poema “Florianoóspi” (1928), definida pelo modernista como cidade-titia, mero passadismo urbano. Ao recuperar a fórmula poética de Bopp, Alcides Buss está mexendo com a própria imagem de sua cidade, mas está também atualizando o discurso fluvial, antes localizado numa Amazônia mítica, paradisíaca, e que agora se manifesta nos rios fedorentos da urbe poluída. Alcides traduz *Cobra Norato* para a cidade moderna, mostrando não mais a fertilidade das água barrentas, mas sua podridão, tal como acontece em “Riozinho”, personificação das águas urbanizadas:

*Depois o riozinho  
dá um chegada  
pra pegar a merda da fábrica*

- Pronto?  
- Pode tocar. (p.73)

Embora decalcados do livro de Bopp, estes poemas ganham singularidade pelo deslocamento metafórico, trocando os entusiasmos modernistas pelo pessimismo irônico de uma época de apocalipses ecológicos.

Daqui para frente, o verbo em estado de crítica social vai conviver com uma certa glosa cultural, denunciando um poeta que, a cada livro, está mais competente no uso da palavra, e mais crente em seu poder social e modernizador. Ele se concentra em uma poesia incaracterística, contemporânea na sua fatura, crítica nas suas intenções, sem explorar as profundezas do eu. Em vários momentos, surgem versos memoráveis, mas o conjunto participa da linguagem galvanizada do período, uma galvanização quebrada em alguns poemas infantis de *Poesia do ABC* (Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989), quando ele volta a exercitar a liberdade criadora, com experimentações de linguagem estruturalmente necessárias.

O poeta, no entanto, vai se moldando internamente, quando a condição solitária vence a solidária. Com *Sinais/sentidos* (Florianópolis, 1995), ele se volta mais para si mesmo, sua memória, suas vivências cotidianas, recuperando a espontaneidade e alguns poemas dos primeiros livros, agora sem nenhuma pressão histórica. É o poeta com ele mesmo, neste difícil encontro com o que traz dentro de si, seja sua memória pessoal (como nos belos “No afã do cafezal” e “Aos nossos pais”), na obscuridade aterradora da condição humana (“Paixão da raiz”) ou na vivência da simplicidade do cotidiano (“A cidade” e “Um café na tarde”). O dilema criativo localiza-se nesta passagem do espaço universal e eterno da cultura para o espaço pessoal e precário do presente (“De ler e andar”). Traduzir um no outro é a difícil tarefa da arte.

*Há dias em que há  
mais sentido nas ruas  
do que nos livros.  
[...]*

*Há dias,  
porém, em que mais  
sentido há nos livros. (p.226)*

Vencem os livros – e não necessariamente a poesia – em *Cinza de fênix & três elegias* (Florianópolis: Insular, 1999). E o poeta erudito, citando e incorporando outros autores, não desiste de assumir-se individual e grupal: “O poeta não vende / a sua alma: a entrelaça / à alma coletiva” (p.246).

Apesar da legitimidade desta participação poética no mundo dos homens, é nos memoráveis e sóbrios poemas de *Caderno da noite* que encontramos o melhor Alcides Buss. Os poemas não se rendem mais às exterioridades formais, embora sejam modernos tanto na dicção não-afirmativa quanto no corte do verso. Aqui, Alcides afasta-se de suas crenças solares, para, de forma madura, confrontar-se com suas sombras. É o poeta dos solitários estados de alma, marcado pela consciência das incertezas temporais, como em “O que nos cabe”:

*O dia vem, o dia vai  
e só vivemos um dia  
a vida toda.*

*Um dia ou quantos dias,  
semanas, meses ou anos?  
Oh, nada sabemos  
a não ser que um dia  
é quanto temos para viver. (p.34)*

Mirar o nada com o pouco que a vida e a poesia nos dão faz destes poemas um canto do ser que se extingue. Ao cruzar consigo mesmo, depois de longa jornada, ele se depara com o não-ser, e isso potencializa sua percepção, pois o poeta não se encontra no espelho, mas na falta de si mesmo:

*Por mais que nos livramos  
Mais estamos em nós  
Sem nós mesmos. (p.83)*

Versos de grande profundidade, nos quais a poesia se torna contabilidade de vazios e de pequenos ganhos, uma contabilidade feita não mais pelo agitador cultural que a inscrevia coletivamente em varais literários, mas pelo escritor que se vale das linhas dos intransferíveis cadernos noturnos.

E-mail do autor: [msanches@interponta.com.br](mailto:msanches@interponta.com.br)